

EDITORIAL

A Teologia é uma área científica do saber e como tal deve estar presente na academia. Os mais antigos estudos académicos conhecidos na Europa foram essencialmente teológicos, até porque a vida pessoal e comunitária não era compreendida senão dentro dos parâmetros da fé cristã, daí os problemas enfrentados por Galileu e tantos outros.

Nas grande catedrais europeias onde se começaram a organizar os saberes a fim de os passar a outros em termos pedagógicos, eram os *trivium* (lógica, gramática, retórica) e os *quadrivium* (aritmética, música, geometria, astronomia) que pontificavam, mas sempre numa lógica interna à cristandade. De resto, a Igreja ocupou-se da educação das elites desde sempre, com especial empenho a partir da criação da Companhia de Jesus, que assim procurava influenciar os jovens futuros monarcas. No caso português só em 1910 a República recém-nascida haveria de desenvolver decisivamente a escola pública, abrindo-a à população em geral e subtraindo assim as tarefas educativas do Estado à igreja dominante.

Mas este *pedigree* teológico da academia foi esquecido na poeira do tempo e a sociedade pós-moderna atirou a reflexão teológica para um gueto cultural, a ponto de um grupo de docentes e estudantes da Universidade La Sapienza (Roma) terem impedido a entrada na cerimónia de inauguração do ano académico de 2008 a um lente reconhecido como Joseph Ratzinger, onde seria orador, só porque era também o papa Bento XVI. Um certo revisionismo histórico que só se compreende à luz do sectarismo laicista ou do fundamentalismo secularista. Sublinhe-se ainda que, numa perspectiva mais nacional, só uma instituição universitária – que por sinal é de carácter confessional – confere grau académico em Teologia.

A expressão “teologia” não procede dos textos bíblicos mas do helenismo (θεολογία): “Foram os gregos, e não os apóstolos, que cunharam o termo para designar o discurso que os poetas elaboravam com frequência para os deuses” (ROLDÁN, 2000, p.18)¹. Mas é no Neoplatonismo que a doutrina de Deus passa a ser o fundamento de toda a estrutura filosófica. Depois “Filo é a ponte entre a filosofia da religião do fim da antiguidade e a teologia cristã” (BRUNNER, 2004, p.121).²

Desde finais do séc. XVIII que se começou a olhar para a Teologia enquanto ramo científico, mas ainda sem sucesso, dadas as dúvidas de Kant, que dizia ser “(...) impossível obter qualquer conhecimento teórico acerca de Deus e do sobrenatural em geral (...)” (BERKHOF, 1969, p.36, 37)³, talvez influenciado pela reivindicação das ciências naturais que exigiam então a exclusividade da classificação. Porém, tanto Kevan como Barth defendem as “ciências” teológicas pois, como nos diz KUNG (1974, p. 14): “O problema de Deus é também o problema do ser humano”.⁴

A Teologia confinada em forma de museu não serve para muito

Mas não convirá à Teologia deixar-se acantonar entre muros confessionais perdendo assim a capacidade de olhar para cima e ver o céu, nem deixar-se cobrir pelo pó espesso das disputas teológicas antigas, resolvidas ou não, distraíndo-se assim do essencial que é abrir caminhos no presente e olhar o horizonte do futuro com ousadia, criatividade e confiança.

Pese embora a força do secularismo, a verdade é que os estudos teológicos continuam a fazer sentido numa sociedade que vai percebendo a incapacidade do ideal materialista para responder às necessidades profundas dos seres humanos. Por isso, a Teologia terá que ser desconfinada dos museus

¹ ROLDÁN, A. F. (2000). *Para que serve a Teologia?* Londrina: Descoberta.

² BRUNNER, E. (2004). *Dogmática, Vol. I – Doutrina Cristã de Deus*. São Paulo: Fonte.

³ BERKHOF, L. (1969). *Teologia sistemática*. Grans Rapids: Tell.

⁴ KUNG, H. (1974). *La encarnación de Dios: introducción al pensamiento de Hegel como prolegómenos para una cristología futura*. Barcelona: Herder.

epistemológicos e dos territórios míticos de modo a ser trazida para a rua, para a vida quotidiana das pessoas, que sabem ou sentem que a existência humana não se pode reduzir à dimensão imanente, visto a completude ontológica do ser se realizar também no domínio da transcendência.

A Teologia que importa é a da vida toda das pessoas e das sociedades

O factor tempo é determinante em Teologia. Fazer Teologia demora tempo porque implica um processo de reflexão em três dimensões.

Desde logo procedendo à hermenêutica dos textos sagrados a fim de tentar descodificar e compreender o sentido real que a mensagem tinha naquele tempo e para aqueles destinatários, atendendo ao contexto histórico, religioso, cultural, social e político, entre outros. Para tal, os exegetas precisam de se munir das ferramentas requeridas e adequadas a essa tarefa, sob pena de, a não o conseguirem, incorrerem em erros grosseiros de interpretação.

Depois, os teólogos necessitam de mergulhar num processo de inquirição do nosso mundo, na identificação dos seus problemas, anseios, expectativas e medos, assim como na leitura do ser humano do século XXI.

Finalmente, torna-se imprescindível que se concentrem na aplicação do sentido objectivo da mensagem para os homens e mulheres de carne e osso da nossa contemporaneidade, sabendo manejar as figuras de estilo, os signos, as unidades de sentido e todos os outros obstáculos que dificultam que textos com milhares de anos de existência possam ainda falar e fazer sentido aos leitores, crentes ou não.

Diria, portanto, que fazer teologia e reflectir nas questões da fé é não só oportuno como necessário. Foi para isso que a AD AETERNUM surgiu, com o intuito de promover e divulgar o conhecimento teológico através da investigação e da reflexão. Mas a vocação da revista é pugnar pela qualidade científica e pelo diálogo interconfessional, ecuménico e inter-religioso, constituindo-se como um espaço aberto a docentes e investigadores, na base de

um debate que possibilite o diálogo com outros campos do saber científico, contribuindo assim para o desenvolvimento do pensamento contemporâneo, a compreensão das dinâmicas da existência humana, da fé e do compromisso com a justiça e a esperança cristã.

Nesse sentido esperamos contar com o interesse e a participação dos teólogos e estudantes de Teologia do mundo cristão de língua portuguesa (e não só), que assim poderão ajudar a construir este projecto de investigação e reflexão teológica, a partir do Instituto de Cristianismo Contemporâneo e da Área de Ciência das Religiões da Universidade Lusófona.

Este número inaugural da AD AETERNUM apresenta textos em Português, Inglês e Galego (caso do texto do eminente teólogo Andres Torres Queiruga).

A revista respeita tanto a grafia adoptada por cada um dos autores que escreveu na língua portuguesa, anterior ou posterior ao AO/90, assim como os textos vertidos na forma europeia ou do Brasil.

José Brissos-Lino